**LEITURA E LITERATURA NA SALA DE AULA**

**Werlaynne Kelly Anacleto Quaresma Estrela**

Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – UERN

E-mail: werlaynnequaresma@gmail.com

##### Resumo: O objetivo deste trabalho é refletir sobre a leitura de forma geral, sobre a leitura do texto literário, a importância da leitura de mundo que os alunos fazem de sua realidade, apresentando um resgate sobre a importância da leitura, da necessidade do professor instigar e motivar os alunos a tomar gosto por ela e que ensinar a ler é contribuir para o exercício da cidadania em todo um contexto social e cultural, ainda será feito um resgate da importância dos contos de fada para promover o ensino de literatura e atrair a atenção dos alunos, buscando nos contos uma fora de aproximação dos alunos, além de serem texto curtos fazem com que os educandos percebam uma semelhança com suas vidas, por tratarem de temas como: medos, insegurança, angustias e que se aprende a enfrentar, superar e demonstrar-se-á que os contos de fadas têm uma importância fundamental para o desenvolvimento intelectual dos alunos.

**Palavras-chave:** Leitura, Literatura, Conto de Fada.

**INTRODUÇÃO**

A leitura é considerada uma atividade cognitiva muito complexa e que requer a ação de muitas habilidades interdependentes para que seja efetivada com sucesso. É um instrumento que auxilia o indivíduo na construção da autonomia e da cidadania, que o faz se posicionar diante das questões do cotidiano e fazer uma crítica da sua realidade atuando de forma consciente sobre ela. Neste sentido, a escola é a principal organização que possibilita a formação desse leitor atuante, crítico e proficiente.

O presente trabalho trata da importância da leitura de forma geral, da leitura do texto literário, a importância também da leitura de mundo que os alunos fazem de sua realidade; apresento um resgate sobre a importância da leitura, da necessidade do professor instigar e motivar os alunos a tomar gosto por ela. É necessário refletir sobre a leitura é assumir o compromisso de que ensinar a ler é contribuir para o exercício da cidadania em todo um contexto social e cultural, pois através da leitura o sujeito se torna um agente transformador da sua realidade. Portanto, ensinar é dar condições ao estudante para que se aproprie do conhecimento historicamente construído e se insira nessa construção como produtor de conhecimentos. E só será possível atingir esse objetivo quando a leitura fizer sentido para o aluno.

**DESENVOLVIMENTO**

A leitura é considerada uma atividade cognitiva muito complexa e que requer a ação de muitas habilidades interdependentes para que seja efetivada com sucesso. É um instrumento que auxilia o indivíduo na construção da autonomia e da cidadania, que o faz se posicionar diante das questões do cotidiano e fazer uma crítica da sua realidade atuando de forma consciente sobre ela. Neste sentido, a escola é a principal organização que possibilita a formação desse leitor atuante, crítico e proficiente.

Na perspectiva da escola, o ensino da leitura é fundamental para a aprendizagem em todas as disciplinas. Pode-se considerar a leitura como o instrumento principal para a aprendizagem; para a informação; para o acesso ao conhecimento científico; para a inserção do indivíduo no mundo letrado. A este respeito, Barbosa (1994, p. 28) destaca:

A questão da aprendizagem da leitura é a discussão dos meios através dos quais o indivíduo pode construir seu próprio conhecimento, pois, sabendo ler, ele se torna capaz de atuar sobre o acervo de conhecimento acumulado pela humanidade através da escrita, e desse modo, produzir, ele também, um conhecimento.

A exigência de que se forme alunos que dominem o ato de ler e que desenvolvam a habilidade do aprender a ler se dá pela participação do professor, em múltiplas atividades de linguagem. Diante disso, vale salientar que o desafio de incentivar o discente ao hábito da leitura está diretamente relacionado a uma série de desafios e questionamentos que vão desde a forma clara, objetiva de abordagem da leitura até forma de atrair esses alunos para esse hábito e, consequentemente, torná-los um bom escritor.

Refletir sobre a leitura é assumir o compromisso de que ensinar a ler é contribuir para o exercício da cidadania em todo um contexto social e cultural, pois através da leitura o sujeito se torna um agente transformador da sua realidade. Portanto, ensinar é dar condições ao estudante para que se aproprie do conhecimento historicamente construído e se insira nessa construção como produtor de conhecimentos. E só será possível atingir esse objetivo quando a leitura fizer sentido para o aluno.

Por se tratar de uma prática social, a leitura precisa ser trabalhada com a diversidade de objetivos e modalidades que a caracterizam. Se o objetivo da escola é formar cidadãos capazes de fazer a “leitura de mundo” compreendendo os mais variados tipos de textos, se faz necessário um trabalho com práticas de leituras eficazes. Portanto, o trabalho com a diversidade textual é o caminho para a formação de leitores capazes de compreender o mundo que o cerca. Os avanços no campo teórico e as novas concepções de conhecimento sobre as formas e os processos de ler e escrever deve conduzir o professor à reflexão, à discussão de como acompanhar esse ritmo acelerado de desenvolvimento social.

Martins (1994, p. 31) enfatiza que,

As inúmeras concepções vigentes sobre leitura, grosso modo, podem ser sintetizadas em duas características: 1. Como decodificação mecânica de signos linguísticos, por meio de aprendizado estabelecido a partir do condicionamento estimulo-resposta (perspectiva behaviorista–skinneriana); 2. Como processo de compreensão abrangente, cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, tanto quanto culturais, econômicos e políticos (perspectiva cognitiva- sociológica).

A primeira concepção aponta a leitura apenas como algo mecânico, “ler por ler”, sem significado para o individuo. A segunda, aborda a leitura com maior amplitude envolvendo vários aspectos relacionados a esse processo. Segundo Martins (1994), as reflexões acerca da leitura não pretendem chegar a respostas, regras ou receitas prontas. O propósito é avaliar aspectos básicos desse processo. A autora ainda cita três níveis básicos de leitura: sensorial, emocional e racional.

A leitura sensorial dá privilegio ao tato, a audição, o olfato e o gosto. Esse tipo de leitura começa muito cedo e vai acompanhando o leitor por toda a vida, dando o conhecimento do que ele gosta ou não. A leitura emocional lida com os sentimentos caracteriza-se num processo de participação afetiva de leitor que provoca satisfação ou, ao contrário, desencadeia angústia podendo levar à depressão. Enquanto passatempo, essa leitura revela que o leitor se entrega ao universo apresentado no texto, desligando-se do mundo exterior. A leitura racional está relacionada com os outros níveis e permite abrir novos horizontes para o leitor ampliando as possibilidades de leitura do texto e da própria realidade social no qual se realiza. É vista como um processo de compreensão no qual o leitor participa com suas capacidades a fim de aprender as mais diversas formas de expressão. Salientando que a leitura racional tem seu caráter reflexivo e dialético e acontece de forma permanente e atualizada.

Porém, apesar dos alunos passarem mais de 11 anos na escola, eles não desenvolvem habilidades de leitura suficientes para o nível de letramento desejado. Isso mostra a deficiência existente nas escolas e a necessidade de que seja repensada uma prática que mude essa realidade, já que são cidadãos e estão inseridos numa sociedade letrada e que exigem deles tal comportamento. Daí surgem então, os analfabetos funcionais que não conseguem utilizar a leitura no meio social no qual estão inseridos para enfrentar as exigências do mundo contemporâneo. Matta (2009, p. 98) reforça esta questão afirmando que:

Pessoas que se alfabetizam não necessariamente incorporam a prática de a leitura da escrita na sua vida, ou seja, apesar de passarem pelo nível de alfabetização e serem considerados alfabetizados, não têm competência para utilizar a leitura e a escrita no meio social letrado.

Portanto, tem-se no Brasil um problema com o letramento do aluno e não com a sua alfabetização. Não se pode negar que esse processo é bem mais amplo embora esteja intimamente ligado ao código de escrita, lembrando que “O letramento abrange a capacidade de o sujeito colocar-se como autor (sujeito) do próprio discurso, no que se refere não só à relação com o texto escrito, mas também à relação com o texto oral [...]” (BRASIL, 2006, p. 10).

Porém, a maneira mais eficiente para ensinar a ler está no envolvimento do alunado em práticas de leitura que desenvolvam as competências e habilidades de leitura e escrita. Já houve tempo em que para ser considerado alfabetizado bastava-se saber escrever o próprio nome. Mas com a nova sociedade contemporânea, há a necessidade de mudanças nessas concepções, apenas escrever o nome não é suficiente para ser considerado alfabetizado, codificar e decodificar palavras escritas, não fazia desses cidadãos, sujeitos capazes de envolver-se com as práticas sociais.

Um dos problemas que envolvem tais questões é debatido por Martins (1994, p. 23):

Apesar de séculos de civilização, as coisas hoje não são muito diferentes. Muitos educadores não conseguiram superar a prática formalista e mecânica, enquanto para a maioria dos educandos aprender a ler e escrever se resume a decoreba de signos linguísticos, por mais que se doure a pílula com métodos sofisticados e supostamente desalienantes.

Assim, apesar da leitura ser pauta de questionamentos, ainda persiste o analfabetismo, sobretudo porque para os antigos estudiosos - que registram a pretexto da crítica -, ler e escrever eram privilégios de poucos. Para eles, o aprendizado acontecia de forma rígida e se caracterizava pela “decoreba”, soletração, decodificação até chegar à leitura de textos contínuos. Por volta de 1990, surge, então, o conceito de “analfabetismo funcional”. Esse termo era usado para designar as pessoas que sabiam “ler”, mas não conseguiam fazer uso desse instrumento na sua vida cotidiana, ou seja, apenas decodificavam códigos.

Diante disso, deve-se considerar que as competências e habilidades de leitura e envolvidas no contexto de letramento estão totalmente dependentes da vida cultural o do grupo ou da comunidade na qual o individuo está inserido, tornando essas atividades práticas variáveis e diversificadas. Diante dessa variedade e diversidade, surge o conceito de letramento: “letramento é o resultado de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura; é o estado ou condição que adquire um grupo social ou indivíduo como consequência de ter-se apropriados da leitura e de suas práticas sociais” (BRASIL, 2001, p. 25), O conceito de leitura geralmente está ligado à decodificação de códigos, por outro lado, a sua aprendizagem esta intimamente ligada ao processo de formação do indivíduo e a sua inserção social, política e cultural.

Ao discorrer sobre o processo de leitura, Freire (2006, p. 32) disserta:

Os alunos não tinham que memorizar mecanicamente a descrição do objeto, mas apreender a sua significação profunda. Só apreendendo-a seriam capazes de saber, por isso, de memorizá-la, de fixá-la. A memorização mecânica da descrição do elo não se constitui em conhecimento do objeto. Por isso, é que a leitura de um texto, tomado como pura descrição de um objeto é feita no sentido de memorizá-la, nem é real leitura, nem dela portanto resulta o conhecimento do objeto de que o texto fala.

A abordagem feita por Freire mostra a importância do ato de ler, no sentido de se formar sujeitos ativos e participantes de um contexto real em que vivemos. O que precisa ser considerado é a qualidade e não a quantidade de livros lidos. É notório, portanto, que eles precisam ser ensinados a ler com eficácia, extraindo da leitura um conhecimento efetivo em toda sua totalidade, sendo que para isso, se faz necessário repensar, planejar e avaliar o tipo de texto a ser trabalhado, pois o conhecimento de mundo também deve ser levado em conta, visto que a leitura de mundo precede a leitura da palavra, apesar de ambas estarem correlacionadas. Por essa razão, deve-se pensar em educar para a compreensão de textos entendendo que essa ação significa conduzir o aprendiz a atribuir sentido a essa habilidade. Assim, permite-se o avanço do leitor auxiliando-a a usar sua potencialidade em direção à autodescoberta. A educação leitora deve ir muito além do reducionismo criado e imposto por uma postura educacional – seja de professores ou do próprio sistema –, que acaba ditando o discurso dos aprendizes durante as atividades de leitura, através das possíveis e limitadas respostas subjacentes a um texto. Essa proposta de ensino só atinge êxito na negação do direito do educando de alcançar o estágio de letramento.

É preciso que se tenha a consciência de que a prática da memorização deve ser excluída e que se deve partir para a compreensão do significado da palavra. A compreensão da palavra deve acontecer de forma dinâmica e processual. Freire também enfatiza que o que importa não é a quantidade de livros que se ler e sim o grau de compreensão que se tem ao ler e o contexto ao qual a leitura é aplicada. Nesses termos, a leitura de um texto deve transcender a palavra escrita, pois ela deve estabelecer relação com a realidade.

Nessa inter-relação entre os diferentes tipos de leituras, e a leitura de texto entendida como uma forma de expressão e de registro de leituras de mundo, são construídas novas significações. A leitura da palavra torna-se um ato criativo, (re)construtivo, (re)significativo. Considerando o novo Ensino Fundamental e a quantidade de materiais disponíveis na cultura letrada, é preciso tomar a leitura como objeto de ensino, e criar possibilidade que permitam ampliar o universo do aluno propiciando a sua formação como leitor atuante.

Visto que a leitura é um processo cognitivo, histórico, cultural e social de produção de sentidos, o leitor compreende o que está escrito quando estabelece relações entre o que esta no texto e o seu conhecimento de mundo. Em virtude disto, “Na leitura, o leitor não age apenas decodificando, isto é, juntando letras, sílabas, palavras, frases, porque ler é muito mais do que apenas decodificar. Ler é atribuir sentidos” (BRASIL, 2001, p. 86).

Assim, pode-se afirmar que as habilidades de leitura oferecem condições essenciais para que o cidadão enfrente a sociedade contemporânea e exigente que funciona através de um sistema voltado para a informação. É notório a necessidade de ser um sujeito leitor, pois, diante do mundo letrado as exigências existem em todos os aspectos. A leitura está presente no nosso cotidiano e, portanto, faz-se necessário amplia-la efetivamente.

Nesse sentido, Martins (1994, p. 29) afirma:

Essa perspectiva para o ato de ler permite descoberta de características comuns e diferenças entre os indivíduos, grupos sociais, as várias culturas; incentiva tanto a fantasia como a consciência da realidade objetiva, proporcionando elementos para uma postura critica, apontando alternativas.

É perceptível nas palavras do autor que a leitura é, portanto, fundamental na vida das pessoas, sobretudo porque através dela ampliamos nossa visão de mundo e da cultura. As descobertas fazem do sujeito um ser consciente.

A leitura amplia os modos de agir do cidadão. A escola assumiu uma estreita relação entre o ato de ler e a atuação do cidadão no meio social e, por esse motivo, exige que o educador adote novas práticas de ensino. A medida em que ele ensina aos alunos o ato de ler por meio de atividades diversificadas, ele os está instruindo a organizar seu próprio pensamento, levando-os a tornarem-se independentes no processo de leitura.

Diante disso, são inúmeras as definições de leitura, no entanto, a leitura é sem duvida um caminho a ser trilhado e aberto a novas conquistas, é, portanto, uma das principais alternativas que estimula o leitor a exercer sua cidadania. Assim, a busca dessa autonomia é conquistada pelo ser humano quando ele começa a compreender a si próprio e o mundo.

Avida em sociedade exige inúmeras ações dos sujeitos leitores. A leitura como prática social é sempre um meio nunca um fim. O avanço da sociedade moderna exige o domínio da leitura, pois a diversificação do trabalho requer do sujeito um conhecimento mais amplo no letramento, para que assim possa atuar com eficiência na vida social e profissional. Nesse sentido, a inserção a prática da leitura no cotidiano escolar consiste em explorar as potencialidades da linguagem utilizando-se da diversidade de gêneros textuais com os quais nos defrontamos no dia a dia. Portanto, “[...] cabe à escola viabilizar o acesso do aluno ao universo dos textos que circulam socialmente, a ensinar a produzi-los e a interpretá-los” (BRASIL, 1997, p. 56).

A seguir, serão citados alguns gêneros textuais que apontam efetivas contribuições para essa discussão sobre leitura, pois ressaltam a importância de sua leitura para o desenvolvimento crítico do indivíduo: 1- Os gêneros jornalísticos abrem espaço para discussão e reflexão acerca dos problemas presentes na sociedade; 2 - Os gêneros científicos merecem atenção específica, pois são textos que trazem informações aprofundadas. O educador precisa desenvolver estratégias de apropriação de informação, já que esse tipo de texto requer um esforço de concentração bem maior por parte do leitor; 3 - Os gêneros publicitários tomaram um espaço no mundo globalizado e capitalista bem amplo na sociedade. Os cartazes, propagandas em revistas e jornais tem uma circulação muito grande e nele encontram-se estratégias de convencimento para o leitor; 4 - Os gêneros literários levam o indivíduo para além da imaginação, pois tem um potencial de instigar o sujeito a produzir uma forma diferenciada de ver o mundo que o cerca. Por essa exploração, o dizer o mundo (re)construído pela força da palavra ,que é a literatura ,revela-se como uma prática fundamental para a construção de um sujeito (*cf.* COSSON, 2014).

Merece destaque aqui – em virtude do corpus da pesquisa -, que a leitura de literatura promove um caminho de saberes sobre o homem e o mundo. Portanto, para que a literatura assuma seu verdadeiro papel se faz necessário que seja repensado seu verdadeiro sentido, isso só acontece quando se muda os rumos da escolarização em prol do letramento literário. A literatura serve tanto para ensinar a ler e a escrever quanto para formar culturalmente o indivíduo (COSSON, 2014).

O docente, por sua vez, precisa fazer da leitura literária uma presença constante nas salas de aula. Esse trabalho favorecerá o desenvolvimento das práticas sociais de leitura na escola, aproximando cada vez mais o leitor da sua realidade cotidiana, ampliando esses limites a escola estará contribuindo para o desenvolvimento de um cidadão atuante na sociedade. Esse gênero contribui na formação do cidadão em todos os seus aspectos, pois oferece ao leitor condições essenciais para enfrentar as exigências do mundo contemporâneo.

No mundo atual o desafio da escola é para que os alunos dominem as informações através da leitura, que estejam preparados para enfrentar a sociedade futura. Portanto, os desafios que se colocam para a escola, espaço privilegiado de desenvolvimento da competência para ler e escrever – não são poucos, pois todas as evidências têm mostrado que essa competência não depende do acesso a certas práticas convencionais de ensino da língua, mas a experiências significativas de utilização da escrita no contexto escolar, tanto em situação de leitura como de produção de textos.

É plausível afirmar que convém aos professores enfocar a leitura na sala de aula através de uma abordagem estruturada e com objetivos definidos e que contemple o desenvolvimento de habilidades leitoras. Para a compreensão do mundo contemporâneo onde a leitura impõe o agir com autonomia e criticidade se faz necessário que a escola ofereça a oportunidade ao aluno de aprender a ler. Dessa forma, é preciso ir mais fundo na realidade da leitura e entender que, aliada ao pouco acesso aos livros, estão às implicações do próprio sistema educacional para com o ensino da leitura. Inclusive a atribuição de valor sobre a leitura do livro que a distancia da leitura de mundo.

A LITERATURA E OS CONTOS DE FADAS

No contexto escolar, a escolha de uma obra literária – já que é este o foco deste trabalho - para leitura deve ser conduzida por alguns fatores. Dentre tantos podem ser citados o objetivo do leitor, ou a temática que sobre a qual se deseja aprofundamento. Para fins educacionais, a seleção literária acontece de acordo com o nível de escolaridade a qual se encontra o sujeito. Considerando a diversidade de gêneros textuais que circulam na sociedade e das suas especificidades, a escola e as turmas com as quais o professor trabalha, a escolha do tipo de texto a ser trabalhado é fundamental no processo de planejamento docente, pois envolve a avaliação da turma, do tempo disponível para o trabalho com a leitura, o interesse do aluno, dentre outros. O certo é que, “[...] o trabalho com a leitura precisa ser repensado, planejado e avaliado, levando-se em consideração as condições da sua realização” (BRASIL, 2001, p. 33). Portanto, incentivar a leitura de todos os tipos de textos, sobretudo o literário – uma vez que este tem tido pouco espaço nos livros didáticos e na prática docente de muitos professores - é indispensável para democratizar o acesso ao saber e à cultura letrada.

A literatura tem um grande significado no desenvolvimento de crianças e jovens de diversas idades, visto que nela encontram-se situações emocionais, fantasias, curiosidades, de modo que enriquece o desenvolvimento perceptivo do leitor. Na verdade, a leitura literária influencia em todos os aspectos da educação: “na afetividade: desperta a sensibilidade e o amor à leitura; na compreensão: desenvolve o automatismo da leitura rápida e a compreensão do texto; na inteligência: desenvolve a aprendizagem de termos e conceitos e a aprendizagem intelectual" (RUFINO & GOMES, 1999, p.11).

Entre tantos textos literários estão os contos de fadas, os quais envolvem enredos de problemas humanos, mas que não surgiram necessariamente para ensinar algo às crianças, apenas com o passar do tempo adquiriu essa característica. Eles surgiram bem antes da ideia moderna que se tem sobre infância, quando as crianças passaram a ser reconhecidas como seres que possuíam características próprias e passaram a serem vistos não mais como meros adultos em miniaturas. Os contos de fadas surgiram, antes que houvesse na sociedade a intenção em se fazer ou escrever algo dirigido às crianças (SOUZA, 2011).

Os contos de fadas eram específicos para adultos, circulavam entre as pessoas como forma de entretenimento e, aos poucos foram, sendo adaptados a outros públicos:

Diversas compilações e adaptações foram feitas em diferentes países da França, mas as de Charles Perrault na França (século XVII) e a dos irmãos Grimm na Alemanha (século XIX) são provavelmente, as mais conhecidas” (SOUZA, 2011, p. 100).

As transformações dos contos se deram ao longo do tempo, de modo que passaram a ser instrumentos de ensinamentos para adultos e crianças. A relação dos contos com o jovem é provavelmente uma relação de sonhos e fantasias as quais se entrelaçam com o prazer da aventura vivida e que apresenta situações aparentemente simples, mas que mostram características humanas que permitem ao individuo o seu amadurecimento. O conto de fada possui um caráter mágico, a fantasia presente nesse gênero textual possibilita a criança lidar com suas emoções. Sobre isso (SOUZA, 2011, p. 103) ressalta:

As narrativos presentes nos livros de Literatura Infantil contam uma experiência de vida e essa “fantasia do real” permite uma identificação entre o narrador e o ouvinte, constituindo-se repleta de significados. O leitor/ouvinte é capaz de apossar-se dele de modo a torná-la sua própria história, e dessa forma superar seus conflitos, angústias e medos, ou seja, criança, ao ouvir um conto, é capaz de transportar-se para ele e viver sua própria história em função do que lhe foi narrado, adquirindo tranquilidade para compreender seus sentimentos, seu lugar, e para resolver seus conflitos.

O fato é que, por meio das histórias é possível que o indivíduo vença seus medos, se identifique como parte integrante da história e, assim, entre num processo de identificação de sentimentos e ansiedades. Desta maneira se compreende o comportamento atento dos mesmos ao ouvirem determinada história, sobretudo porque o sonho e o imaginário são fundamentais para que a criança se desenvolva de forma equilibrada e harmoniosa.

Os contos de fadas mantêm uma estrutura fixa. Eles partem de um problema vinculado à realidade (como estado de penúria, carência afetiva, conflito entre mãe e filho), que desequilibra tranquilidade inicial. O desenvolvimento é em busca de soluções, no plano da fantasia, com a introdução de elementos mágicos (fadas, bruxas, anões, duendes e gigantes), como destaca Abramovich (1994).

Portanto, considerando os fundamentos teóricos que embasam o valor significativo dos contos, deve-se reconhecer que o trabalho com contos é importante sob vários aspectos, pois desenvolvem habilidades que agem como facilitadores dos processos de aprendizagens, cognitivas, emocionais e sociais. Estas habilidades podem ser observadas no aumento do vocabulário, no comportamento, nas referências textuais, na interpretação de textos, na ampliação do repertório linguístico, na reflexão, na criticidade e na criatividade. Estas habilidades propiciariam ao aluno novas descobertas. A leitura de contos oferece ao indivíduo um significado à sua vida, visto que trazem enredos problemáticos da vida humana. O irreal possibilita que ele vença seus medos e angústias e que serviram como base para sua vida adulta. Nesse sentido, “Entre outros atributos, é essa possibilidade de superação dos contos de fadas um importante instrumento de formação da criança e de seu ego em germinação” (SOUZA, 2011, p.104).

Uma das principais características dos contos de fada são as características dos personagens: ou elas são boas ou más. Essas questões possibilitam o indivíduo aprender a lidar com situações de medos, angústias marcantes da vida: “Medos com os quais todos convivem, e que se aprende a enfrentar, a desviar, a superar, a substituir, com os quais se aprende a conviver ou a lidar” (ABRAMOVICH, 1994, p. 125).

Diante da importância dos contos de fadas, deve-se reconhecer que a escola assume papel fundamental no ato de ler, e nas escolhas do que se ler (contos de fadas e a literatura de modo geral tem sido negligenciados), e como se ler, visto que é na escola que o individuo tem o primeiro contato com a literatura vista na perspectiva da sua escolarização. Um fato que leva os estudiosos a questionamentos é que os contos de fadas são pouco trabalhados em sala de aula, para muitos educadores é um gênero sem muita importância: “Na escola, o conto de fadas não costuma ser trabalhado com frequência por ser um gênero considerado menor ou sem importância” (SOUZA 2011, p.107).

Partindo dessa reflexão, o professor muitas vezes ignora a importância dos contos para o desenvolvimento social e cultural do individuo:

Ao ler uma história a criança também desenvolve todo um potencial crítico. A partir daí ela pode pensar, duvidar, se perguntar, questionar... Pode se sentir inquietada, cutucada, querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de opinião...E isso não sendo feito uma vez ao ano...Mas fazendo parte da rotina escolar, sendo sistematizado, sempre presente- o que não significa trabalhar em cima dum esquema rígido e apenas repetitivo (ABRAMOVICH,1994, p. 143).

Os contos de fadas são textos que possibilitam ampla discussão, por possuir no seu contexto fatores que auxiliam no desenvolvimento cultural e social do indivíduo, sobretudo quando se consideram os aspectos ideológicos presentes neles, tais como as ideologias de gênero (papéis masculinos e femininos profundamente marcados pelas leis do patriarcado), questões de classe social (a sempre tendenciosa representação positiva da nobreza), dentre outros. Estas questões, para alunos maiores, fomenta o desenvolvimento da criticidade, através de leituras desconstrutivistas, como por exemplo, aquelas apresentadas na atualidade pelas releituras cinematográficas dos contos de fadas, nas quais as ideologias acima representadas, notadamente as relações de gênero são tratadas à luz da modernidade.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste trabalho foram discutidas questões importantes sobre leitura, letramento literário, o ensino de literatura, o resgate da importância dos contos de fadas, baseado em um apanhado de teóricos que discorre sobre tais temas, essa pesquisa trouxe reflexões sobre a importância da leitura em sala de aula, entrando em cena o resgate da importância dos contos de fadas para a formação do leitor, que pode, através destes, ser estimulado a desenvolver o gosto pela leitura literária. O conto de fada é um texto pouco trabalhado em sala de aula, por muitos o considerarem sem muita importância, apesar de ser um dos gêneros de maior apreciação, por parte dos alunos.

Esta pesquisa buscou levantar questões para instigar a prática de leitura literária, sabendo-se que não é uma tarefa fácil, principalmente pelo momento em que se vive na atualidade, a rapidez que as transformações e informações acontecem, em especial, a comunicação e, pensando nessa agilidade de informações. O preparo do professor é fundamental para que essa mediação alcance seus objetivos, por isso é necessário que o professor esteja preparado para poder motivar os alunos nessa árdua tarefa, que é despertar o interesse pela leitura.

**REFERÊNCIAS**

ABRAMOVICH, Fany. *Literatura infantil*: gostosuras e bobices. 2. Ed. São Paulo: Papiros, 1994.

BALDI, Elizabeth. *Leitura nas séries iniciais*: uma proposta para a formação de leitores de literatura. Porto Alegre Editora Projeto,2009.

BARBOSA, José Juvêncio. *Alfabetização e leitura*. São Paulo: Cortez, 2ª Ed. 1994.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais*: Ensino Fundamental: Língua Portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/ SEF, 1998.

COSSON, Rildo. *Letramento literário*: teoria e prática. 2,ed. 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

ESTRELA, Werlayne Kelly Anacleto Quaresma. *Literatura e cinema:* sequências didáticas com contos de fadas. Cajazeiras: UFCG (monografia de conclusão de Curso de Especialização). 59fl.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler*: em três artigos que se complementam. São Paulo: Cortez. 2006.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura?* 19ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1994- (Coleção Primeiros Passos).

MATTA, Sozângela Schemimi da. *Português -* Linguagem e Interação. Curitiba: Bolsa Nacional do Livro Ltda. 2009.

SOARES, Maria Inês Bizzoto. *Alfabetização Linguística*: da teoria a prática. Belo Horizonte: Dimensão, 2010.